



Uma organização para as reflexões sobre tradução...

Tradução: para além da linguagem verbal é o tema deste volume, o primeiro número da Revista de Estudos Universitários (REU), de 2016. Convidamos, então, pesquisadores para apresentar resultados de pesquisas, que envolvessem diferentes maneiras de se pensar tradução ou adaptação literária e intermediática. Sugerimos a expansão do conceito de tradução, para além da linguagem verbal, para alcançar o que denominamos tradução intersemiótica, que nos dizeres de Júlio Plaza, pode ser compreendida como uma prática crítico-criativa na historicidade dos meios de produção e reprodução, como leitura, como metacriação, como ação sobre estruturas eventos, como diálogo de signos, como síntese e re-escritura da história.

Atendendo essas considerações vieram diversas contribuições, como as que compõem esse volume. Vale enfatizar que compartilhamos a edição com o Dr. Paulo Edson Alves Filho.

Iniciamos esse volume com o artigo Semiótica e tradução: a intrincada rede de sistemas simbólicos fronteiriços, de autoria de Patrícia Fonseca Fanaya, que lançou suas reflexões para além dos estudos linguísticos, envolvendo a semiótica de Yuri Lotman, a biosemiótica de Jesper Hoffmeyer, de inspiração peirciana, bem como a semiótica de outros representantes da Escola de Tartu, Kotov e Kull.

Segue o artigo intitulado Da escritura à pintura: o grafo de Roland Barthes, de Rodrigo Fontanari, com reflexões sobre o entrecruzamento de signos verbais e imagéticos, a partir de produções plásticas de Roland Barthes.

As narrativas em línguas de sinais e o conceito recente de literatura surda são abordadas por Adriana Baptista de Souza e Maria Paula Frota, em A contribuição da literatura surda na ampliação dos conceitos de tradução e adaptação. Ainda nesta seara, em As onomatopéias na



legendagem para surdos e ensurdecidos do filme *Asterix et Obelix: Mission Cleopatre*, Ana Katarinna Pessoa do Nascimento trata, como indica o título, da tradução de efeitos sonoros por onomatopeias.

A adaptação de uma obra fonográfica para o cinema é o tema do artigo *The Wall*: uma análise da adaptação da obra fonográfica para o cinema, de Giovana Martins de Casto Marqueze, que elege como *corpus* o álbum opera rock *The Wall*, de 1979, da banda Pink Floyd e o filme *Pink Floyd- The Wall*, de 1982. A música também é contemplada no artigo de Pedro Tomé de Castro Oliveira, intitulado *O Blues* de Langston Hughes: tradução poética e palavra cantada, que trata da musicalização dos poemas de Langston Hughes como uma modalidade de tradução.

No próximo artigo, o caminhar é do romance para minissérie de TV, apresentado no artigo *A pedra do reino: procedimentos transformacionais da adaptação do romance para minissérie*, por Fernanda Cristina Araújo Batista. A autora esclarece como o diretor da minissérie *A Pedra d'O Reino*, Luiz Fernando Carvalho, realizou as transformações do Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta, de Adriano Suassuna.

A adaptação para TV, agora para programas humorísticos, é apresentada no artigo *Pigmaleão entre Shaw e Bolanões: adaptação para sketches de humor*, por Marcela Rossi Monteiro. A autora trata de duas adaptações da peça *Pigmaleão*, de George Bernard Shaw; *Pygmalion*, adaptação para o cinema dirigido por Anthony Asquith e o *sketch* de humor *A vendedora de Flores*, do roteirista e ator mexicano Roberto Gomes Bolanões.

Indo de mídias tradicionais, como o cinema e a TV, a tradução, ou adaptação ou refração, alcança a internet, por meio do vlog - ambiente da internet similar a um blog, em que vídeos são postados em ordem cronológica -, no artigo *Tradução, adaptação, refração: considerações sobre uma adaptação de Pride and Prejudice*, de Isabela Sabbatini. A autora desse artigo faz uso do vlog *The Lizzie Bennet Diaries*, como uma adaptação do romance *Pride and Prejudice*, da escritora Jane Austen.

Há outros artigos que permanecem na seara da literatura. O primeiro deles trata de tradução e adaptação do gênero fábula. Em *Tradução e adaptação na literatura infanto-juvenil: o gênero fábula*, Clarissa Rosas apresenta reflexões sobre textualizações de uma fábula de



Iriarte (1782). No artigo Tradi(visão) e Tradu(visão) em O último voo do flamingo de Mia Couto, N'gana Yeo procura refletir sobre a representação do mundo na passagem da oralidade para a escrita, empreendida por Mia Couto, na obra mencionada.

No artigo intitulado Dois projetos de tradução da antipoesia no Brasil, Mary Anne Warken S. Sobottka apresenta análises da tradução de dois antipoemas do poeta chileno Nicanor Parra, realizados por Jevenal Neto e Carlos Nejar, publicados em 1981 e em 2009, respectivamente. A tradução de poemas está presente também em Um poema, muitas vozes – como traduzir?, artigo de Diana Szyllit, no qual a autora enfatiza a hipertextualidade do poema narrativo *Il Giorno*, de Giuseppe Parini. Em Pensar a tradução: proposta para uma retradução de Gargantua, Luiz Horácio Pinto Rodrigues apresenta as linhas norteadoras para a retradução da obra Gargantua, de Francois Rabelais, publicado em 1534.

Por fim, no artigo *Re-positioning Wor(l)ds in the Literary map: Translations as a Token of Mobility*, Davi Gonçalves propõe que a literatura pode contribuir para dar forma a uma utopia de continentalidade americana, baseando-se na sua tradução do romance de Stephen Leacock.

Encerramos esse volume com a entrevista realizada por Silvia Cobelo, com Laurence Raw, doutor em Filosofia, cidadão britânico que vive atualmente em Ancara, Turquia, exercendo a função de docente do Departamento de Inglês, da Universidade Baskent. É uma autoridade em estudos de adaptação.

Assim, seguindo as reflexões apresentadas neste volume, o leitor poderá acompanhar a tradução como o movimento de um signo a outro, de um modo de representação a outro, que transforma, que põe as ideias em movimento, em constante crescimento...

Boa tradução!

Maria Ogécia Drigo

Editora da Revista de Estudos Universitários - REU